

# O discurso de Lísias e suas limitações: breve análise sobre a persuasão no *Fedro*

**Francisca Andréa Brito Furtado**

*Universidade Federal do Ceará*

O discurso de Lísias no diálogo platônico *Fedro* exerce sobre o jovem homônimo o fenômeno da *apathé*, uma espécie de encantamento provocado pela arte de usar belamente o *lógos* com o intuito de persuadir. Ao encontrar Sócrates e dirigir-se com ele para além das muralhas da cidade naquela manhã, o jovem Fedro julga trazer consigo um discurso belo. Segundo este discurso, é mais vantajoso entregar-se a um não apaixonado do que a um amante (*erastês*). A tese central de Lísias é construída a partir da apresentação das debilidades (*manía*) do estado do amante apaixonado, assim como os dissabores de uma relação amorosa.

O primeiro argumento do logógrafo é fundamentado na exposição do amor como um estado passageiro, movido pelo desejo. O desejo é apresentado como irracional e imediato; após sua satisfação, deixa de operar sobre o amante, fazendo-o abandonar os cuidados dirigidos ao amado, arrependendo-se pelas ações realizadas quando tomado por este afeto.

Concluída a leitura entusiasmada desse discurso, Fedro acredita que ninguém possa escrever melhor que Lísias e que não haja possibilidade de refutação às palavras por ele enunciadas. Lembremos aqui, que a obra em questão faz convergir uma série de temas encontrados

em outros diálogos platônicos, dentre os quais destacamos *Eros* e a inspiração, a retórica e a escrita.

A resposta de Sócrates diante do estado de encantamento de Fedro provocado pelo discurso de Lísias é a de que não achou a peça tão boa, e que não irá omitir-se de sinceridade apenas para agradar o jovem. Sócrates afirma ter ouvido melhores discursos sobre o tema, dos quais no momento não lembra com exatidão a autoria, mas que é, ele próprio, fundado nesses discursos ouvidos outrora, capaz de fazer um discurso acerca do mesmo tema, porém estruturalmente melhor. Segundo Sócrates, Lísias apenas repetiu a mesma ideia de maneira inapropriada ao longo dos diversos parágrafos que compunham o discurso, não atentando à disposição e à coesão necessárias a um *kalós logos*, revelando assim suas debilidades.

### O DELÍRIO É PLURAL

No *Fedro*, o delírio é analisado detalhadamente, diante dessa análise pode-se concluir que estar delirante, de acordo com a origem desse delírio, pode ser um bem. A partir dessa conclusão nos colocamos diante do fato de que mesmo aquele que não diz a verdade é capaz de convencer, de provocar no seu interlocutor ou interlocutores uma espécie de delírio, esse efeito pode tomar tanto indivíduos quanto grandes multidões.

“[...] aquele que “conhece a verdade” não possui automaticamente, a arte da persuasão e, portanto, a verdade nem sempre é por si mesma persuasiva. Por outro lado, aquele que não possui a verdade e se guia pela aparência, como defendeu Fedro, pode ser persuasivo e, nesse caso, a persuasão poderia operar deslocada da verdade”. (Costa, 2014)

O uso da retórica em contendas era comum em Atenas no século V. As pessoas podiam representar a si mesmas ou lançar mão de discursos encomendados para defender-se perante aos tribunais. A prática era tão corriqueira que até havia uma arte própria para o cumprimento dessa tarefa: os *logografias*<sup>1</sup>, arte exercida por profissionais que se dedicavam a escrever discursos para venda. Nesse contexto o

<sup>1</sup> O termo *logografia* deriva de *Logos*, é possível que seu primeiro uso tenha sido registrado pelo historiador Tucídides, esses profissionais produziam e comercializavam discursos escritos, usados na maioria dos casos em tribunais no âmbito das contendas.

problema posto por Platão no que tange a natureza do discurso inscreve-se não apenas como uma disputa entre filósofos e sofistas<sup>2</sup> pela retórica, mas como questão central na constituição da *pólis* e na formação ética de seus cidadãos.

A polarização presente na obra em estudo é entre dois tipos de retórica: a boa e a má retórica. De um lado sofistas, do outro, filósofos ambos munidos da palavra no embate pelo melhor discurso.

Platão nos convida a pensar a retórica a partir da exposição de discursos. São três os discursos que alicerçam as questões contidas no Fedro: o discurso de Lísias, trazido ao plátano debaixo do manto de Fedro e enunciado pelo jovem, o primeiro discurso de Sócrates e a sua palinódia<sup>3</sup>. A questão da Beleza é tocada por Platão através da discussão em torno da força e persistência de sua Forma, noção necessária para o reconhecimento de um *kalós lógos*.

O tema que nos envolve na primeira parte da obra é Eros, é esse o tema abordado por Lísias em sua peça, assim como por Sócrates em seus discursos posteriores. A relação entre Eros e Discurso está no núcleo do Fedro, associados, ambos com a Beleza.

Logo após a leitura do primeiro discurso começamos a colher elementos que podem nos auxiliar nessa breve análise sobre a persuasão, dentre eles, o estado em que Sócrates se encontra durante a exposição de Fedro:

Divino, de fato, meu amigo, a ponto de eu me encontrar aturrido. E tal impressão devo-a a ti, Fedro; olhava-te com admiração durante a leitura, porque me parecias iluminado pelo discurso. Convencido de que tu entendias essas coisas melhor do que eu, segui-te, acompanhando-te, entrei no delírio báquico, ó cabeça divina! (Fedro, 234d)

Já nesse passo percebemos que ao discursar Fedro exerce sobre Sócrates um determinado poder, e que este mesmo também foi afetado

<sup>2</sup> O termo *Sophistês* não tinha um teor pejorativo antes do uso dado por Platão no séc. V. Apesar da associação negativa por parte de Platão, esse termo era usado para designar sábios, músicos e poetas, por exemplo.

<sup>3</sup> A palinódia é um discurso de retratação. No Fedro a famosa palinódia de Estesícoro é citada, segundo a tradição o poeta teria escrito um discurso condenando Helena e a culpabilizando pelos acontecimentos em Tróia, em consequência disso ele teria sido castigado e ficado cego. Após reconhecer seu erro e escrever a "palinódia a Helena", Estesícoro teria recuperado a visão.

pelo discurso de Lísias que no momento reproduz. Apesar de considerarmos a ironia como característica marcante da personagem platônica Sócrates, avaliamos que no que diz respeito a maneira como Sócrates se dirige a Fedro nesse ponto, esta ironia não está presente, na verdade essa é a abertura para que possamos pensar o papel da persuasão em um discurso nesse diálogo.

O delírio é apresentado no Fedro 265a como dividido em duas espécies: “uma nascida das enfermidades humanas e outra provocada por um impulso divino que nos leva a abandonar os costumes habituais”. O delírio denominado como divino, por sua vez, é dividido em quatro: *mântico*, *místico*, *poético* e *erótico*. Compreendemos que o esforço socrático nessa obra se dá na aproximação da filosofia e da *manía erótica* e que coloca o “impulso capaz de nos fazer abandonar antigos hábitos” como fundamento do fazer filosófico, desta maneira relacionando decisivamente *manía* e filosofia, porém não qualquer *manía* como sugere Lísias em seu discurso, mas uma *manía* divina.

“De modo paradoxal, Platão parece apresentar o filósofo, nesse diálogo, como um amante que, por padecer exemplarmente da *manía* enviada por Eros, pode ver-se livre de todas as outras seduções e tornar-se apto para uma vida verdadeiramente filosófica. Um estado apaixonado apresenta-se, então, como o principal motivo para uma ação ou atitude investigativa incansável e alheia a diversos desvios impostos por toda sorte de seduções e paixões de outra ordem. É preciso estar firmemente apaixonado para não mais se apaixonar, é preciso estar firmemente seduzido para tornar-se imune à sedução.” (Costa, 2014)

Consideramos importante que atentemos para a declaração de Sócrates de que convencido pela eloquência de Fedro dispunha-se a segui-lo, porém sabemos que o que se segue a essa afirmação é uma crítica da parte de Sócrates ao discurso escrito por Lísias. Parece-nos, portanto, que o encantamento provocado por Fedro sobre Sócrates não é suficiente para persuadi-lo. Daí se segue o questionamento: o que faltou ao discurso proferido pelo jovem para persuadir completamente Sócrates?

## O DISCURSO COMO CONDUTOR DE ALMAS

Sócrates parte da definição de retórica como uma arte *psicagógica*, nesse sentido o discurso contaria com um elemento para além de sua estrutura ou coesão. A ideia de que o verdadeiro *logos* se inscreve na alma através da dialética, como nota Ferreira na introdução a sua tradução do Fedro, é bastante cara para refutação da argumentação que desconsidera o conhecimento da alma para realização de um discurso, contando a favor da filosofia no embate entre sofistas e filósofos.

Para que a condução de almas seja possível o retor precisa conhecer a composição das almas, esse fato justifica a exposição desta composição e o seu destino que surge no decorrer do primeiro discurso de Sócrates. McCoy nos esclarece os requisitos para o domínio da arte retórica:

“Em suma, para possuir a arte retórica deve-se (1) entender a verdade sobre o assunto em questão, tanto o todo quanto como suas partes se juntam; (2) entender a natureza da alma humana; (3) entender as crença de um público específico; (4) saber como conduzir um público específico à verdade; (5) fazê-lo com um discurso claro e vigoroso, de acordo com a natureza do material. A combinação de todos esses elementos distintos no “aqui e agora” requer uma boa noção de *timing* ou *kairós*. Como coloca Fedro: “ parece não ser um empreendimento qualquer” (McCoy, 2010)

Na segunda parte do texto, em 257b, após a enunciação da *palinódia*, Sócrates desculpa-se pela impiedade cometida no discurso anterior e em sua oração pede a Eros que não responsabilize Fedro pelo discurso que lera, culpando assim, Lísias. Sócrates ainda pede que Eros impeça que discursos do mesmo tipo sejam elaborados pelo logógrafo e que o deus o dirija para a filosofia. Inicia-se nesse ponto, uma exposição por parte de Sócrates do que seria um belo discurso e sobre os perigos da escrita. A nós interessará a avaliação socrática do discurso de Lísias, portanto do tema do *kalós logos*.

Em 261a, mais uma vez Sócrates chama atenção para a intenção de convencer Fedro de que a Filosofia deve ser cultivada em detrimento da retórica (sofística): “Vinde, pois, nobres criaturas, e convencei Fedro, pai de bela progénie, de que se não cultivar a filosofia como deve

ser, nunca será capaz de falar coisa alguma”. Em seguida a exposição do que viria a ser a retórica a delinea em seu sentido geral. O uso da retórica pela filosofia é o que a determina como boa pela sua relação com a verdade.

“Não é verdade que, tomada em sentido geral, a retórica é uma espécie de arte de *psicagogia* por meio de palavras, não apenas nos tribunais e muitas outras assembleias públicas, mas também nas reuniões privadas, a mesma a respeito de questões de pequena como de grande monta? E que seu uso correto se torna a coisa mais honrada quando trata de assuntos sérios ou insignificantes?” (Fedro., 261b)

“Por conseguinte, meu amigo, a arte da palavra, quem não conhecer a verdade, mas ande à caça de opiniões fará dela, de certo modo, coisa ridícula, desprovida de arte” (Fedro., 262c)

Sócrates esboça as limitações do discurso de Lísias quando o responsabiliza pela impiedade do discurso enunciado por Fedro. (1) O logógrafo não se preocupara com a constituição da alma, se quer a menciona em seu texto, (2) Lísias espera apenas que se concorde com sua opinião, desconsiderando assim a relação necessária do discurso com a verdade, posto ter discorrido sobre os prejuízos da relação amorosa antes mesmo de esclarecer no que consistia o amor, (3) Lísias falha em julgar que a loucura é sempre má, do tipo que estava relacionada com as enfermidades humanas e esquecendo do seu caráter divino quando inspirada.

Ao conduzir a alma de Fedro para essa perspectiva, Lísias poderia ser posto em analogia ao orador que discorre sobre as qualidades do asno em 260c-d e a retórica por sua vez revelaria sua face perigosa:

“Pois, quando um orador que desconhece o bem e o mal encontra uma cidade em igual situação e tenta persuadi-la, não já fazendo o elogio da “sombra do asno”, como se de um cavalo se tratasse, mas exaltando o mal como se fosse o bem; quando depois de estudar as inclinações da multidão, a convencer a praticar o mal em vez de bem, depois disto, que fruto julgas tu que a retórica possa colher das sementes que lanças?” (Fedro., 260 c-d)

## DA ORGANICIDADE DO DISCURSO

O perigo de um discurso desprovido de compromisso com a verdade fica claro no diálogo, mas a crítica socrática se estende para além dessa questão. O discurso de Lísias é desordenado e repetitivo, não há organicidade em sua articulação. Sócrates chega a comparar o discurso do logógrafo com um epitáfio<sup>4</sup>. Nesse ponto compreendemos essa comparação como referente tanto a própria desordem dos enunciados quanto com sua aparente falta de *zôon*: “[...] todo discurso deve ser constituído como um organismo vivo, com corpo próprio, que não seja acéfalo ou ápodo, mas possua tronco e membros, escritos de forma a convir entre si e ao seu todo.” 264c.

De acordo com Sócrates, o discurso deve ainda ser capaz de apresentar uma unidade, onde se torne capaz de congregiar toda a multiplicidade do tema abordado. Essa unidade deve em determinado momento ser “destrinchada” com o devido cuidado. Podemos aí destacar como exemplo de limitação no discurso de Lísias a exposição da *manía*. O logógrafo apresentou a unidade, quando menciona em seu texto a loucura, porém assim como o “mal açougueiro” dado como referência no Fedro, ele não soube “cortá-lo” com a destreza necessária, desvelando apenas na analogia do açougueiro, a parte esquerda e nela o amor pernicioso. Faltou a capacidade de encontrar o amor de natureza divina, este ficou dilacerado e desfigurado pelo corte mal executado do carneiro. Em outras palavras, o que faltou no discurso de Lísias para convencer definitivamente Sócrates, foi o domínio da arte dialética que deveria estar associada a persuasão na elaboração de um discurso belo:

“Dessas divisões e sínteses eu mesmo, Fedro, sou um apaixonado, a fim de ser capaz de falar e de pensar. E se eu julgar qualquer outro capaz de observar a unidade e a pluralidade nascida daquela, a esse eu perseguirei  
*no encalço dos teus passos como se fora um deus*

<sup>4</sup> “Virgem de bronze aqui estou reclinada na tumba de Midas  
Enquanto as águas correrem e folhas nascerem das árvores  
No monumento me encontro banhada de pranto perene  
Aos forasteiros proclamo que Midas repousa aqui dentro.”  
(Epitáfio de Midas, o frígio).

A comparação feita por Sócrates entre o discurso de Lísias e o Epitáfio de Midas possivelmente relação com a possibilidade que os epitáfios gregos serem lidos de baixo para cima ou de cima para baixo, não tendo desta forma uma ordem a ser seguida.

Ora, aos que são capazes de o fazer, eu chamo-lhes, pelo menos até esse momento, dialéticos – se os nomeio rectamente ou não, um deus o sabe. Quanto aos que seguem os teus ensinamentos e os de Lísias, diz-me, que nome se lhes deve dar? Será ela por acaso a arte da palavra de que Trasímaco e tantos outros se serviram e pela qual eles mesmos se tornaram hábeis no falar e transmitem agora esse dom a quantos queiram trazer-lhes presentes, como se fosseis reis?” (Fedro, 266c)

Sócrates refere-se no passo acima aos sofistas e a arte que supostamente dominam, desta vez a ironia socrática fica patente, posto sabermos da desconfiança de que esses realmente possuam alguma arte.

O fato de reconhecer a retórica como uma arte que necessita produzir a persuasão e que essa persuasão é produzida na alma, fazendo do discurso um “condutor de almas”, exige que aquele que desejar dedicar-se a essa arte precisa conhecer a natureza da alma e suas múltiplas formas, pois elas é que explicam o porquê de determinados discursos serem capazes de persuadir a uns, enquanto a outros não, devido a especificidade de cada alma. Quando alcançado esse conhecimento, o orador será capaz de exercer a arte oratória com destreza. Lísias, por sua vez desconhece tal arte, podendo ser classificado diante disso como um orador inapto.

## REFERÊNCIAS

PLATÃO, *Fedro*. Introdução, tradução e notas: José Ribeiro Ferreira- edições 70 Lda, Lisboa, Portugal, 1973.

PLATÃO, *Fedro*. texto grego Jonh Burnet; Tradução Carlos Alberto Nunes. 3 ed.- Belém ed,ufpa,2011

McCoy, Marina. *Platão e Arte da Retórica de Filósofos e Sofistas*. Tradução: Livia Oushiro- São Paulo: Madras, 2010.

Costa, Admar A. *Mito e Verdade*. (2014) In: *Ítica* (UFRJ), v. 25, p. 145-158.

BRANDÃO, Jacyntho. (2000) “As musas ensinam a mentir”. *Ágora. Estudos Clássicos*

em Debate, Nº 2, p. 7-20.

GÓRGIAS, *Elogio de Helena*. Tradução: Daniela Paulinelli. Belo Horizonte, 2009. Em: <http://anagnosisufmg.blogspot.com/>